

O MENINO E O PALACETE: A HISTÓRIA DO HOTEL AMAZONAS: DE MEMÓRIA INFANTIL A PATRIMÔNIO HISTÓRICO

THE BOY AND PALACETE: THE HISTORY OF THE HOTEL AMAZONAS: MEMORY HERITAGE CHILD

Prissaine dos Santos Crespo*

Resumo

Este trabalho visa apresentar uma reflexão referente à História local campista através de uma literatura respectiva a esse povo, a partir de uma observação do livro de Thiers Martins Moreira, *O Menino e o Palacete*, o qual narra a memória individual do autor sobre suas aventuras e vivências, enquanto criança, assim como sua relação com a casa/hotel que o abrigava. Partindo da concepção de Memória Coletiva e Individual, de Maurice Halbwachs (2006), dentre outros referencias em estudo de memória social, buscaremos compreender como a memória individual do autor está intrinsecamente relacionada à memória coletiva da cidade de Campos dos Goytacazes, no período por ele vivenciado. Procuraremos também ressaltar nessa análise o fato que a obra ainda se apresenta como um grande referencial na memória da sociedade campista, uma vez o Hotel Amazonas, local que é palco da história apresentada pelo autor, se apresenta hoje como um dos patrimônios tombados pelo Instituto Estadual de Patrimônio Artístico (INEPAC).

Palavras-chave

Literatura. Memória social. Patrimônios.

Abstract

This work presents a reflection on local history through a camper its literature to this people, from a note book Thiers Martins Moreira, the Boy and the Palace, which recounts the author's memory of their adventures and experience as a child, as well as its relationship with the house/hotel that housed it. Based on the concept of Individual and Collective Memory, Maurice Halbwachs (2006), among other references in the study of social memory, we will seek to understand how the author's memory is intrinsically related to the collective memory of the city of Campos dos Goytacazes, the period it experienced. We will also caveat in this analysis the fact that the work still present itself as a major landmark in the memory of society campista, once the Hotel Amazonas, a place that is the stage of history presented by the author Instituto Estadual de Patrimônio Artístico (INEPAC).

Key words

Literature. Social memory. Patrimonies.

* Graduada em História pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO. Aluna do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert - ISEPAM. psantosres@hotmail.com

Thiers Martins Moreira: O Menino

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Pierre Nora)

Thiers Martins Moreira atuou como educador, escritor e foi também o fundador da revista “Educação e Administração”. Porém, foi ao assumir a direção do Centro de Equipe e Pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa¹ que Thiers Moreira acrescentou seu destaque obtendo um papel primordial para a cultura literária brasileira ao abrir as portas da Fundação para a literatura popular no intuito de salvaguardar este tipo de literatura de um possível desaparecimento.

Estudioso preocupado com a língua portuguesa, e também com a literatura, ele desenvolveu um estilo de escrita em suas obras especialmente em *O Menino e o Palacete*, classificado por Carlos Ribeiro, na comemoração do centenário de seu nascimento, como “a expressão mais clássica do memorialismo lírico brasileiro”.

O Menino e o Palacete narra à infância de um menino, o próprio autor, com cinco ou seis anos, como ele mesmo descreve, filho de imigrantes, vindo da cidade de Leixões – Portugal, que no ano de 1910 (ou 1911) compram um casarão envelhecido na cidade de Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro, e o fazem de hotel, ambiente onde a família do autor residia e trabalhava.

Hotel Amazonas: O Palacete

A partir do século XIX, devido ao crescimento da lavoura canavieira e a implantação dos engenhos na região de Campos dos Goytacazes, há uma modificação na paisagem urbana: as famílias abastadas começam a se transferir para a sede da cidade criando, no centro do município, um novo padrão arquitetônico. È nesse contexto que emerge o outro personagem principal do texto - o Palacete.

O sobrado construído em meados do século XIX se localiza na Rua Barão do Amazonas, no centro de Campos dos Goytacazes. Foi construído para atender a família de João Caldas Viana – o Barão de Pirapetinga.

¹ A Fundação Casa de Rui Barbosa é uma instituição que oferece um espaço ao trabalho intelectual, consulta de livros e documentos e a preservação da memória nacional.

Porém em meio a uma das crises da indústria canavieira, crises essas que variavam entre problemas geográficos, climáticos, assim como em falta de mercado externo, o Barão de Pirapitinga se viu obrigado a desfazer de seus móveis, contudo a medida que a crise agravava, teve também que vender seu imóvel – o sobrado.

Não se sabe com exatidão qual desses motivos levou o Barão de Pirapitinga a uma tensão financeira, mas o certo é que ao vender seu imóvel a uma família de imigrantes portugueses, uma nova história se iniciaria na vida de um menino.

Segundo Thiers Moreira (1968), em relação à arquitetura do palacete, a estrutura física do casarão não era tão imponente como outras da cidade, “o equilíbrio seria sua lei, a que os anos acrescentassem um tom de beleza antiga”

O encontro entre Menino e Palacete: memórias do menino

As narrações acerca dos fatos experimentados pelo autor em sua infância levam o leitor a imaginar um pouco da estrutura física da cidade de Campos dos Goytacazes, uma vez que o Menino recém chegado à cidade observa, com olhar detalhado, típico da inocência infantil os fatos, lugares, cheiros e sabores a sua volta.

Ao desenvolver sua obra Thiers busca esclarecer que trata-se de suas lembranças dos tempos de criança, por isso, ele explica que em sua visão o Menino é um ser diferente do que ele era no período que escreveu o texto. Por vezes o autor se desassocia do Menino relatado e se coloca na posição de narrador dos fatos por serem, segundo ele, suas lembranças distantes do que ele se tornou na vida adulta. (MOREIRA, 1968, p.21).

No entanto, ao observarmos a questão da memória na obra, partindo da análise do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), entendemos que o olhar do menino sobre a casa, muito embora fizesse parte de uma memória individual relevante ao personagem/autor no período vivido por ele, essas observações não faria sentido da mesma forma aos outros que lá residiam, pois a história de uma nação [nesse caso de uma cidade] se estabelece como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, mas encontra-se longínqua das percepções do indivíduo.

Uma vez que, segundo Halbwachs (2006) são os grupos sociais que determinam o que é “digno” de ser lembrado, assim como as formas que determinados fatos e vivências devem ser lembrados, um simples olhar de um Menino sobre um sobrado provavelmente não teria espaço em meio a uma sociedade

que neste período histórico, experimentava novas realidades e acontecimentos sociais.

No entanto o memorialismo de Thieres Moreira vem romper com essa questão e trazer à tona a voz do garoto, que por meio de seu imaginário, cria uma estrutura que auxilia na luta e resistência ao processo de esquecimento do local que segundo ele: “Entre tantas casas do tempo imperial que conheci, poucas contêm, como continha o Palacete, uma lição tão espontânea de graça, fôrça e harmonia.” (MOREIRA, 1968, p. 177).

Como aponta Halbwachs (2006), a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, que possibilita a construção de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural. Tal conjuntura é notória no desenrolar do livro *O Menino e o Palacete*, pois Moreira expõe de forma natural e utilizando-se de linguagem simples para relata as situações cotidianas vividas por ele – o Menino no período em que habitou a casa/hotel.

Um pouco da história de Campos na história do Menino

Muito embora Moreira esclareça que não são as pessoas o ponto alto de seus relatos, pois em sua fala ele aponta que encontra “esses sêres como corpos estranhos à casa, sem nenhuma comunhão com ela, um pouco perdidas em sua atmosfera”(MOREIRA,1968).

Entretanto apesar de não se deter a elas, algumas dessas pessoas por ele relatadas apontam características típicas de indivíduos que permeavam a cidade no início do século XX, figuras como o quitandeiro Manoel Rabeca que voltava para o hotel com tabuleiros na cabeça, o doente Gaspar que se submetia a tratamentos utilizando sanguessugas, e por fim o Moll, que Thiers classifica como o poeta embriagado.

Outra figura referida na obra foi a dos negros da cidade que, segundo o autor, sendo velhos, provavelmente tinham sido escravos. Essa abordagem se deu devido ao encontro do Menino com a prisão de escravos, o qual o autor fez questão de registrar a planta, que segundo ele, seria um possível registro para a história.

Creio que levantarei uma planta qualquer dessa área da casa, a fim de deixar (para a história?) uma documentação do que ali existiu ao tempo da escravatura e que o Menino encontraria

intacto ainda.[...] Diziam-lhe: Aqui foi a prisão dos escravos. Por detrás daquela porta estava um quarto com duas janelas de varões de ferro, grossos como pulsos. (MOREIRA, 1968, p.53-54).

Vale à pena ressaltar que tal observação do autor, é extremamente relevante, uma vez que estamos falando de um período histórico em que a economia açucareira passava por mais uma crise, assim como, via-se o desaparecimento da estrutura escravocrata que durante séculos havia regido a sociedade campista. No entanto, é possível que o local a que o autor se refere como “prisão de escravos” tenha sido na verdade um quarto destinado aos mesmos, ou ainda, uma senzala, visto que a prisão oficial da cidade situava-se na Praça Quatro Jornadas.

Tal percepção é bem ponderável, pois possivelmente a memória individual do autor, imbuída de seus valores e emoções como Menino, permite que ao se deparar com “varões de ferro”, identifique-os como uma prisão.

Através de delicados detalhes em sua obra, o autor nos propicia um testemunho importante de seu tempo, pois a partir de sua memória individual podemos perceber alguns aspectos do cotidiano da sociedade campista no início do século XX.

Exemplo disso é que, logo no primeiro contato com a casa o menino percebe que a estrutura antiga não possuía instalação elétrica e que “tudo mais se destinava a iluminação a gás.” (MOREIRA, 1968). Posteriormente ele relata que “os oito lustres do Palacete foram pouco a pouco adaptados a iluminação elétrica.” (MOREIRA, 1968).

Vale ressaltar que as primeiras instalações de luz elétrica já haviam sido feitas na cidade desde o ano de 1883. O menino vivencia então um período de transição admirável na cidade, assim como, no Palacete, onde este último adapta-se a modernidade, provavelmente para atender melhor a clientela do hotel. Podemos compreender como a obra de Thiers Moreira influencia o leitor a adentrar o universo infantil e fazer uma viagem se deslocando de seu tempo e espaço, permitindo-se criar representações do passado assentadas na percepção do autor e traduzi-las como reais a nossa própria memória, como aponta Halbwachs (2006) em relação à lembrança: “é uma imagem engajada de outras imagens”.

Além disso, ao relatar com exatidão a localização dos lugares, o escritor nos leva a criar representações pautadas em suas percepções do espaço onde vivia. Tal ideia vem corroborar com a afirmação de Halbwachs (2006) que “a

lembança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”. Muitos desses espaços ainda se fazem presentes e podem ser percebidos ao caminhar pelas ruas de Campos até os dias de hoje, como percebemos no trecho abaixo:

Quem vem das margens do rio, e sobe a rua Barão do Amazonas, encontra, à direita, a fachada principal, com seu beiral de telha de louça azul.[...] Na rua Boa Morte, paralela à do Barão do Amazonas, está a fachada dos fundos.(MOREIRA, 1968).

Ou ainda no trecho:

Assim descobriu que do alto do balaústra do terraço poderia ver o rio, de que não se queria afastar. Em suas margens nascera e vivia, ouvindo o ruído das águas passando por baixo da ponte da estrada de ferro e caminhando para além da enseada da Nossa Senhora da Lapa, em cujo fundo, segundo ouvira contar, os sinos caídos do alto da torre tocavam, chamando o povo para a ladainha. (MOREIRA, 1968).

O Palacete no século XXI

Atualmente o Palacete ainda funciona como Hotel atendendo principalmente a viajantes que passam pela cidade. Em seu aspecto físico conserva ainda alguns pontos de sua beleza arquitetônica, como os beirais que circulam a frente do prédio como telhas de louça portuguesa, pintadas à mão.

Hoje, o Palacete, ou seja, o Hotel Amazonas (Solar do Barão de Pirapetinga), é um patrimônio histórico da cidade de Campos dos Goytacazes tombado pelo INEPAC² desde o ano de 1985 e, segundo Sylvia Paes, historiadora e integrante do Conselho de Preservação do Patrimônio Arquitetônico de Campos dos Goytacazes, o bem passou no ano de 2008 a ser também protegido no Plano Diretor do Município.

² INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – é um órgão subordinado a Secretaria do Estado e da Cultura do Rio de Janeiro. Trata-se de um órgão o qual compete desenvolver ações para preservação do patrimônio cultural e artístico no Estado.



Figura 1: Hotel Amazonas – vista da porta de entrada, 2011

No entanto como evidencia a historiadora Simonne Teixeira, coordenadora da Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural

Durante os anos de 1980, através da ação do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural/INEPAC, muitas dessas casas foram tombadas o que significa um importante reconhecimento de seu valor histórico e artístico. No entanto, assim como os tombamentos realizados pelo IPHAN, os tombamentos realizados pelo INEPAC não garantiram a integridade dos edifícios, muitos deles quase em ruínas. (TEIXEIRA, 2008).

Um dos aspectos que mais se questiona em relação aos prédios tombados como patrimônio histórico na cidade é a necessidade de restauração, dentre esses se enquadra o Hotel Amazonas, cuja fachada já se apresenta bastante deteriorada. É necessário compreender que edifícios, ruas, brincadeiras, enfim, todos os tipos de patrimônio:

São elementos que remetem a um passado que não é apenas dos indivíduos. É mais do que isso. Remetem a uma memória e identidade coletivas que denotam às pessoas um algo em comum, que devem conhecer e recriar constantemente isso, consequentemente, as une. (TEIXEIRA, 2008).

³Tombamento – é o ato de reconhecimento do valor cultural de um bem que o transforma em um patrimônio oficial. O nome advém da Torre de Tombo, arquivo público português, onde eram guardados e conservados documentos importantes.



Figura 2: Hotel Amazonas - vista da parte de trás, 2011.

Restaurar, mais que reformar paredes, consiste em imbuir valores, afim que o local não se torne o que Pierre Nora (1993) caracteriza como um “lugar de memória”, um mero registro estagnado de um passado, mas sim, viabilizar meios para que o prédio seja reconhecido como um auxiliador, um instrumento na busca da valorização da identidade local do povo campista.

Referências

CRUZ, Domingo Gonzalez. *Thiers Martins Moreira – centenário de nascimento* [online], 2004. Disponível em: < <http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 14 set. 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed.Centauro, 2006

MOREIRA, Thiers Martins. *O Menino e o Palacete*. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1968.



NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, 1993.

TEXEIRA, Simone; VIEIRA, Silviane de Souza. *Educação patrimonial: novos caminhos na ação pedagógica*. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2006.